

La Comédiathèque

CORAÇÕES ABERTOS

Jean-Pierre Martinez

comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Corações Abertos

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num bar situado em frente a um hospital e gerido por um proprietário peculiar, entrelaçam-se os destinos de homens e mulheres em busca de um coração disponível. Seja para um transplante ou algo mais, se houver afinidade...

1. Coração disponível.....	3
2. Coração sensível.....	6
3. Um peso no coração.....	12
4. Coração de boi.....	17
5. Presente do coração.....	21
6. Dor no coração	25
7. Batimento do coração.....	28
8. Um coração para dois.....	30
9. O coração na mão.....	33
10. De bom coração.....	35
11. Um novo coração.....	37
12. Corações em coro.....	39

Até 12 homens e 12 mulheres. A distribuição é flexível em termos de número (vários papéis podem ser desempenhados por um único actor) e em termos de sexo (os papéis podem ser masculinos e femininos).

© La Comédiathèque

1. Coração disponível

Um bar. O Dono do bar está atrás do bar, secando copos. Uma mulher chega. Ela não parece muito feliz. Sem olhar para ele, ela senta-se no bar. O Dono do bar a observa por um momento com o canto do olho.

Dono do bar – Senhora... O que gostaria de tomar?

Ela – Tem arsênico?

Dono do bar – Para levar ou consumir aqui?

Ela – Ainda estou a pensar...

Dono do bar – Enquanto pensa, tome um café. Com um pequeno copo de conhaque, seu ânimo vai melhorar. O Conhaque é para mim.

Ela – Um conhaque? A esta hora?

Dono do bar – Saiba que o conhaque é conhecido desde a antiguidade pelas suas propriedades antidepressivas. Prescrevo para meus clientes todos os dias e até agora ninguém cometeu suicídio.

Ela – Agradeço, mas vou ficar apenas com o café. Trabalho no hospital, mesmo em frente.

Ele prepara seu café.

Dono do bar – Auxiliar de enfermagem... Não deve ser divertido todos os dias...

Ela – Cirurgiã.

Dono do bar – Ah... Com licença, doutora...

Ela – Eles pagam um pouco mais, mas não é necessariamente mais divertido.

Dono do bar – Eu entendo...

Ela – E isso que só estou a falar do meu trabalho. Felizmente, trabalho dia e noite. Não ter vida privada não tem apenas desvantagens, sabe? Quando se tem uma vida de mierda...

Ele lhe entrega um jornal.

Dono do bar – Dê uma olhada no seu horóscopo, talvez preveja uma melhoria temporária.

Ela dá uma olhada no jornal.

Ela (leitura) – "Entregará o seu coração a um desconhecido"...

Coloca o jornal no balcão

Dono do bar – É uma boa notícia, não é?

Ela – Depende.

Dono do bar – Você não deve dar seu coração a qualquer um, isso é certo.

Ela – E, acima de tudo, é melhor dar estando viva.

Dono do bar – Eu não tenho certeza se entendi...

Ela – "Entregará o seu coração a um desconhecido"... Olhe, não está na seção de amor, está na seção de saúde...

Dono do bar – Deve ser um erro...

Ela – Tenho um paciente esperando por um transplante de coração. Precisamos apenas de um doador saudável. Mas de preferência morto.

Dono do bar – Ah sim...

Ela – Não podemos fazer nada além de esperar... Alguém terá que morrer para que outro possa viver.

Dono do bar – É o destino...

Ela – Um acidente pode acontecer muito rapidamente. Talvez seja eu, afinal. Já que está no meu horóscopo.

Ele coloca o café na frente dela.

Dono do bar – Definitivamente não é uma natureza otimista...

Ela – Não tive filhos, seria minha última chance de dar vida...

Dono do bar – Tem certeza de que não quer esse conhaque?

Ela – Nunca durante o serviço... Se aparecer um doador e eu tiver que operar daqui a uma hora...

Dono do bar – Se você for o doador, não haverá mais ninguém para realizar essa operação.

Ela – No caso dos transplantes de coração, quem falta são os doadores e não os cirurgiões. Estas operações são excepcionais. Conheço aqueles que estariam dispostos a matar para fazer o primeiro transplante.

Dono do bar – Bem, então serei eu quem beberá esse conhaque e lhe oferecerei o café.

Ela – É um dono de café muito peculiar. Assim não vai ganhar muito dinheiro.

O Dono do bar serve-se do conhaque e bebe de um só gole.

Dono do bar – Desisti da ideia de fazer fortuna há muito tempo. E além disso, não ofereço café para toda gente, sabe?

Ela – Porquê eu? Não se pode dizer que seja uma pessoa agradável.

Dono do bar – Sempre fui cauteloso com pessoas excessivamente agradável. Eu tenho minhas preferências, só isso. Há aqueles que gosto e outros que não.

Ela – Então, acho que tenho sorte...

Dono do bar – Olhe, não nos conhecemos... Talvez eu seja o seu lindo estranho...

Ela – Quem sabe... Bem, eu tenho que ir...

Dono do bar – Outra vida para salvar?

Ela – Não, mas estacionei num lugar para deficientes.

Dono do bar – Com o emblema no para-brisa, você pode estacionar em qualquer lugar sem pegar multa, não é assim? Só por isso, eu teria gostado de estudar medicina.

Ela – Obrigado pelo café...

Dono do bar – Tenha cuidado ao atravessar a rua.

Ela – Mal nos conhecemos e já é como uma mãe para mim. Se eu ainda estiver solteira daqui a dez anos, lembre-me de casar com você.

Dono do bar – Infelizmente... quem iria querer se casar com sua mãe? (*Ela sai.*) Esse é o drama da minha vida...

2. Coração sensível

O dono está atrás do balcão. Lê o jornal. Chega um homem e uma mulher. Sentam-se à mesa.

Ela – Aviso-te que não tenho muito tempo... Volto a trabalhar daqui a uma hora. E o meu chefe só espera uma oportunidade para me despedir...

Ele – Obrigado por sacrificar a tua hora de almoço por mim.

Ela – Não, mas não te estou a sacrificar nada... (*Olhando para o menu*) Vou pedir algo para comer. E tu?

Ele – Sim, sim, claro, quero dizer... Obrigado por aceitar almoçar comigo.

Ela volta a colocar o menu. Um momento de silêncio.

Ela – Então, tinhas algo para me dizer...

Ele – Sim...

Silêncio desconfortável.

Ela – Estou a ouvir...

O dono lança-lhes um olhar intrigado.

Ele – Não sei muito bem como te dizer isto...

Ela – Como não temos muito tempo, vou ajudar-te um pouco... Queres sair comigo, não é?

Ele (*surpreendido*) – Sim, bem...

O dono chega, interrompendo esta cena um pouco patética.

Dono – O que vão querer?

Ela – Uma salada... sem anchovas nem atum.

Ele – Para mim... um sanduíche de presunto... (*A brincar*) Sem pão nem presunto... (*A mulher não ri e o dono lança-lhe um olhar frio.*) Não, estou a brincar. Um sanduíche de presunto, por favor.

Dono – Uma salada e um sanduíche de presunto. Já vou.

O dono afasta-se.

Ela – Comes carne?

Ele – Eh... sim. Bem, não.

Ela – Mas comes presunto...

Ele – Sim, mas... O presunto não é realmente carne, pois não?

Ela – Viste as últimas investigações sobre a criação de porcos em jaulas?

Ele – Não.

Ela – Acredito que se tivesses visto, já não comerias presunto...

Ele – Desculpa, eu... Não sabia...

Ela – Isso é o que os alemães diziam depois da guerra sobre os campos de concentração.

Ele – O que diziam?

Ela – Não sabia...

Ele – Ok... então... és vegetariana.

Ela – Vegana.

Ele – Está bem...

Ela – Não conheces a diferença, pois não?

Ele – Não.

Ela – Não como nenhum produto de origem animal. Também não uso couro. E, obviamente, não uso peles.

Ele – Bem... Peles... Com o tempo que faz...

Ela – Desculpa?

Ele – Não, quero dizer... Eu também não uso peles. É um começo, não é?

Ela – Escuta, vou ser honesta contigo, nunca poderia sair com um rapaz que come presunto. Mas podemos ser amigos, se quiseres... Não somos sectários, afinal.

Ele – É tão grave? Quero dizer... É apenas uma fatia de presunto.

Ela – Sabes em que condições esse porco foi criado? Como viveu? Em que condições foi sacrificado?

Ele – Não.

Ela – Alguma vez visitaste uma quinta de porcos?

Ele – Não.

Ela – Alguma vez visitaste um matadouro?

Ele – Não... e tu?

Ela – Eu também não, mas vi muitos vídeos sobre isso.

Ele – Ok... Não, mas... Não me importo tanto com o presunto... Quero dizer... a carne em geral.

Ela – Então, conseguias tornar-te vegano só para sair comigo?

Ele – Porque não? Claro! Absolutamente...

Ela – E se eu fosse muçulmana ou judia, e te pedisse para parar de comer porco e te converteres à minha religião, farias isso?

Ele – És muçulmana?

Ela – É apenas uma suposição. E daí?

Ele – Não sei... Talvez... Sou católico, mas... É como com a carne, não me importa tanto...

Ela – Na verdade, és muito influenciável.

Ele – Ou talvez... me importe muito sair contigo.

Ela – Sim... mas não seria por convicção.

Ele – Que sairia contigo?

Ela – Que deixarias de comer carne! Seria apenas para sair comigo.

Ele – Sim, bem...

Ela – E assim que eu te deixasse, voltarias a comer carne.

Ele – Ainda nem estamos a sair e já estás a considerar deixar-me?

Um momento.

Ela – Qual foi a tua pior experiência culinária?

Ele – Desculpa?

Ela – A pior refeição da tua vida, se preferires.

Ele (*a brincar*) – Espero que não seja esta... (*Ela permanece imperturbável.*) Não, não sei...

Ela – Bem, eu posso contar-te a minha.

Ele – Está bem.

Eventualmente, uma música melodramática acompanha o relato deste episódio traumático.

Ela – Devia ter uns dez anos. Fomos convidados com os meus pais para a casa de uns amigos deles. Um médico e a sua esposa. Na verdade, não eram realmente amigos. Eram apenas os nossos novos vizinhos. A minha mãe convidou-os uma primeira vez para dar as boas-vindas ao bairro, e eles retribuíram o convite. Os meus pais são pessoas muito simples. Provavelmente ficaram lisonjeados por serem convidados para jantar com um cirurgião. Provavelmente esperavam que esses grandes burgueses colocassem todo o luxo na mesa. Então, tomamos o aperitivo, conversamos um pouco e sentamo-nos à mesa. É verdade que a louça era de porcelana e a toalha de mesa era de um branco imaculado. Havia tantos talheres na mesa que não sabíamos qual usar primeiro. Chega o prato principal, depois de uma salada verde, e o que é que o cirurgião coloca na mesa?

A música pára abruptamente.

Ele – Estás a assustar-me...

Ela – Um coração!

Silêncio.

Ele – Um coração humano?

Ela – Não... Humano, não... Bem, pelo menos não creio. Suponho que seria um coração de vaca.

Ele – Um coração de vaca... Nem sabia que se podia comer... O talvez para os gatos... Um coração!

Ela – E esses dois sádicos ainda tiveram a audácia de nos perguntar se gostávamos.

Ele – E então?

Ela – Os meus pais são pessoas extremamente educadas... Então, convidados para a casa de um médico, podes imaginar... Então, a minha mãe responde cortesmente: "Claro. Nunca o comemos, mas pronto. Tem que haver uma primeira vez, não é?"

Ele – Caramba...

Ela – E o meu pai acrescenta: "Ah, sim, coração de vaca, isso é original, muda um pouco. É verdade, nunca nos ocorre, devíamos fazer isso mais vezes, não achas, querida?" Eu sinto-me enjoada, obviamente. Digo que não gosto. A minha mãe insiste: "Até provares, não podes dizer que não gostas!" E o médico dá-nos uma lição: "Sabiam que nas tribos primitivas, os guerreiros comiam o coração dos seus inimigos para se apoderarem da sua força?" E a esposa do médico acrescenta: "De qualquer forma, o coração de vaca é muito bom para a saúde. Está cheio de proteínas. E não dizemos 'forte como um boi'... E lá estava eu com um enorme pedaço de coração no meu prato.

Ele – Não havia mais nada para comer?

Ela – Salada verde.

Ele – Coração com salada...

Ela – Não é fácil de cortar, digo-te. Como uma sola de borracha, sabes? Já comeste algo assim?

Ele – Uma sola de borracha...?

Ela – E todos a mastigar o seu coração de vaca antes de se forçarem a engoli-lo. Tudo enquanto se fala do tempo, como se tudo isso fosse perfeitamente normal.

Ele – E sabe bem? Quero dizer... Como é o sabor?

Ela – Nada. Tem a consistência de uma pastilha elástica. Desde então, nunca mais mastiguei pastilha elástica. E, acima de tudo, da noite para o dia, tornei-me vegana. Mesmo antes de existir a palavra. Até me pergunto se não fui eu quem inventou o conceito..."

Ele – Ah sim... Definitivamente é o suficiente para traumatizar alguém para sempre...

Ela – Espera... e se tu estiveres certo...?

Ele – Desculpa?

Ela – Agora estou a pensar se realmente era um coração de vaca.

Ele – Não?

Ela – Bem, era um cirurgião, sabes? Quando transplantam um novo coração para um paciente, não sabemos realmente o que fazem com o antigo. Suponho que não há muitos doentes que peçam para o recuperar para o guardar como recordação num frasco.

Ele – Achas que há cirurgiões canibais?

O empregado volta com o sanduíche e a salada.

Empregado – Um sanduíche de presunto e uma salada... sem anchovas nem atum. Coloquei cavala em vez disso. *(A rapariga lança-lhe um olhar assassino e ele continua com cara séria.)* Estou a brincar. Bom apetite!

O homem olha para a sua sanduíche antes de a afastar.

Ele – Não, tens razão. Não seria honesto da minha parte.

Ela – O quê?

Ele – Deixar de comer carne só para sair contigo. Tenho que acreditar nisso.

Ela – Claro...

Ele – O problema é que deixar a carne é como deixar de fumar. Quando estás viciado...

Ela – Então desistes de...

Ele – Sei o que tenho que fazer.

Ela – Agora és tu que me assusta.

Ele – Vou à talho mesmo em frente. Vou comprar um coração de vaca e vou comê-lo todo. Depois, acho que ficarei definitivamente enjoado de carne. Como tu.

Ela – Farias isso por mim? Comerias um coração de vaca?

Ele – O que achas?

Ele levanta-se. Surpreendida, ela levanta-se também.

Ela – Mas... vais agora mesmo?

Ele – Se pensar demasiado, é possível que não consiga.

Ela – E... tens uma receita?

Ele – Vou comê-lo cru. Sou um guerreiro, não sou?

Ela – Bem...

Ele – Vamos lá, deseja-me sorte.

Ele abraça-a e, brincando com o efeito surpresa, beija-a longa e apaixonadamente nos lábios. Sai. Ela olha para ele a ir embora, desconcertada. O empregado, que viu tudo, volta.

Empregado – Não gostou da sanduíche de presunto?

Ela – Decidiu tornar-se vegano.

Empregado – De qualquer forma, parece estar realmente motivado...

Ela – Sim...

3. Um peso no coração

O dono do estabelecimento limpa o balcão com um pano. Um casal chega e senta-se numa mesa.

Ele – Tens a certeza de que é uma boa ideia?

Ela – O quê?

Ele – Tomar uma última bebida juntos.

Ela – Estamos casados há dez anos. Não vamos nos separar assim, num tribunal. Seria demasiado triste.

Ele – Sim...

O dono aproxima-se.

Dono – E para os senhores?

Ela – O que vais beber?

Ele – Não sei... (*Irónico*) Champanhe?

Ela – Porque não...?

Ele – Então, duas taças, por favor.

Dono – Desculpe, mas não tenho. Já sabem, estamos em frente a um hospital e a cremação é logo ali ao lado. Os clientes não têm muitas oportunidades para celebrar algo.

Ele – Bem... Então, um café.

Ela – Eu também.

Dono – E dois cafés.

O dono afasta-se.

Ela – Então, é isto? Desta vez é realmente o fim?

Ele – É o que queríamos, não é?

Ela – Claro. Isso não impede...

Ele – Não te arrependes?

Ela – Um divórcio é sempre um fracasso. Lamento que não tenha funcionado.

Ele – Eu também...

Um momento.

Ela – Ao mesmo tempo, foste tu que me enganaste.

Ele – Sim...

Ela – Desculpa, não queria voltar a isso... Estamos divorciados, não me deves nenhuma explicação.

Ele – Não... (*Um momento*) E tu, nunca me enganaste? Agora podes dizer-me.

Ela – Não.

Ele – Apenas um deslize sem consequências?

Ela – Não.

Ele – Um beijinho furtivo uma noite depois de algumas bebidas demais?

Ela – Não.

Ele – Não, claro... És tão perfeita...

Ela – Entendo que isso não seja um elogio vindo de ti...

O dono traz os dois cafés.

Dono – Aqui têm...

Ela – Obrigada.

O dono afasta-se.

Ele – Posso perguntar-te algo? Agora que tudo acabou de qualquer maneira...

Ela – Outra vez?

Ele – Até agora, não confessaste nada...

Ela – Se isto é um interrogatório, então... Vai em frente, estou a ouvir...

Ele – Alguma vez, pelo menos uma vez, durante todos esses anos que passamos juntos, mentiste para mim?

Ela – Mentir?

Ele – Mesmo por omissão. Algo importante que me tenhas ocultado. Algo do qual não estarias orgulhosa, obviamente. Senão, não faria sentido...

Ela – Por que me perguntas isso agora?

Ele – Não sei... Saber que afinal não eras tão perfeita... Isso ajudaria-me a superar.

Ela – Ainda assim, não estou morta.

Ele – Refiro-me a superar o nosso relacionamento. O nosso amor, se me permites dizer.

Ela – Podes.

Ele – Então... há algo?

Ela – Se isso puder ajudar-te...

Ele – Estou a ouvir.

Ela – Não é tão fácil...

Ele – Não me digas que tens muitas opções.

Ela – Não, precisamente. Estou a pensar...

Ele – Tenho todo o tempo do mundo.

Ela – Lembras-te do nosso primeiro carro?

Ele – Sim.

Ela – Uma manhã, encontramos-lo na rua com um para-choques completamente amolgado.

Ele – Sim.

Ela – Claro, ninguém deixou uma nota para o seguro.

Ele – Não.

Ela – Fui eu. Bati na coluna da porta ao sair de marcha-atrás. O carro era novo, não tive coragem de te dizer. Tinha tanta vergonha. Estacionei o carro na rua e não disse nada.

Ele – Eu sei.

Ela – Sabes?

Ele – Havia uma marca de tinta na coluna da porta. Deve ainda estar lá.

Ela – E não disseste nada?

Ele – Parecia que essa mentira te importava tanto... O que teria mudado?

Ela – Provavelmente nada. Mas por que não disseste nada?

Ele – Destroças o nosso carro novo. Mentas de uma maneira completamente patética. Não sou polícia. O que poderia ter dito?

Ela – Não sei. Podias ter... ganho um ponto.

Ele – Não via a nossa relação dessa maneira. Era uma mentira tão infantil. Quase comovente. Pensei que devia ser importante para ti. Preferi deixar-te a tua dignidade...

Ela – Obrigada... é amável da tua parte.

Ele – Sim... (*Um momento*) E tu, tu fazes troça de mim.

Ela – De modo nenhum. É verdade, garanto-te.

Ele – Quando me perguntaste se alguma vez te tinha enganado, fui honesto contigo. Poderia tê-lo negado. Talvez ainda estivéssemos casados. Agora cabe-te jogar o jogo. Certamente há algo mais... Algo mais sério...

Silêncio.

Ela – Está bem... Lembras-te quando estiveste três dias em Lisboa para uma conferência?

Ele – Sim.

Ela – Disse-te que iria ao hospital para um exame de rotina.

Ele – Ah sim... recordo.

Ela – Foi para um aborto.

Ele – Um aborto...

Ela – Se preferires, interrupção voluntária da gravidez...

Ele – Tínhamos decidido ter um filho... Tinhas deixado as pílulas anticoncepcionais...

Ela – Sim...

Ele – Não compreendo.

Ela – Eu também não...

Ele – E então?

Ela – Não sei... Tive medo.

Ele – Medo?

Ela – Medo de não conseguir. Medo de que me deixasses... Entre nós, não estava completamente errada.

Ele – Não inverte os papéis... Se tivéssemos tido esse filho, as coisas talvez fossem diferentes.

Ela – Talvez...

Um momento.

Ele – Como pudeste fazer isso?

Ela – Obrigada por não dizer "fazer-me isso"... Não se pode explicar. Não me senti capaz. Capaz de assumir isso.

Ele – Isso?

Ela – Dar vida. Tornar-me mãe.

Ele – Poderias ter falado comigo. Partilhar isso comigo.

Ela – Nunca tive coragem de te dizer... Tinha demasiada vergonha...

Ele – Como com o carro.

Ela – Sinto muito mesmo. Tive medo...

Ele – Tinha-te causado tanto medo? Até com o carro...

Ela – Tinha medo de mim mesma. (*Um momento*) Realmente acreditas que as coisas poderiam ter sido diferentes?

Ele – As coisas são como são. Não faz sentido imaginá-las de outra forma. Deve ser que entre nós dois não era possível.

Silêncio.

Ela – Acho que devíamos ir embora.

Ele – Sim...

Eles se levantam para sair.

Ela – Continuas a vê-la?

Ele – Quem?

Ela – A pessoa com quem me enganaste.

Ele – Ah, essa...

Ela – Nunca me disseste quem era. Podes dizer-me agora? Conheço-a?

Ele – Para quê...?

Um momento.

Ela – Nunca me enganaste.

Ele – Não...

Ela – Então, por que...?

Ele – Era mais fácil assim.

Ela – Queres dizer mais fácil para mim?

Ele – Mais fácil para os dois... Acho que devíamos ir agora...

Ela – Vamos.

Eles vão embora.

4. Coração de boi

O dono recolhe copos do balcão e os mergulha numa pia que não está visível. Chega um homem e uma mulher. O homem lança um olhar suspeito e um pouco enojado para o bar. Eles se sentam em uma mesa.

Ele – É realmente nojento. Pergunto-me por que continuo vindo aqui.

Ela – É o único bar em frente ao hospital...

Ele – Quando vês as normas de higiene que nos impõem no nosso trabalho... Se um paciente contrai uma infeção hospitalar no teu serviço, mesmo um resfriado, processa-te. Depois vem aqui tomar o seu vinho numa taça mal enxaguada entre dois clientes, um dos quais poderia ter hepatite e o outro o vírus Ebola.

Ela – Sim...

Ele – Viste isso? Os pratos sujos ficam de molho na pia de um dia para o outro. Nem te conto o caldo de cultivo... No final do dia, partilhaste os teus micróbios com metade da cidade. Infeções hospitalares, que estupidez. E uma doença que contrais num bar, como se chama?

Ela – Cirrose hepática?

O dono se aproxima.

Dono – E para os senhores e senhoras, o que será?

Ele – Não sei... Um sumo de tomate.

Ela – Um café.

O dono afasta-se.

Ele – Não sei por que peço sumo de tomate, detesto.

Ela – Já não sabemos o que pedir, no final.

Ele – Deveria ter pedido um sumo de frutas.

Ela – Ainda estás a tempo...

Ele – Não sei... Viste a cara do dono? Não parece amigável.

Ela – Queres que vá eu?

Ele – Tarde demais, acabou de abrir a garrafa. Isso é típico de mim. Vou ter que beber o sumo de tomate mesmo que deteste. Além disso, o tomate me provoca azia. Não te acontece a ti?

Ela – Não.

Ele – Que pena, então não vou bebê-lo...

Ela (*para mudar de assunto*) – Quais são os teus planos para o verão?

Ele – Ainda não sei... Provavelmente passarei uma ou duas semanas na casa dos meus pais, como faço todos os anos.

Ela – Pareces estar muito ligado aos teus pais.

Ele – Não especialmente. Eles são irritantes, mas têm uma casa com piscina em Cascais.

Ela – Quando és irritante, se quiseres continuar a ver os teus filhos depois de saírem de casa, tens de investir numa piscina. Deveria considerar isso para os meus, quando chegar a altura...

Ele – Sim... A menos que não queira vê-los com muita frequência.

Ela – E além disso, como estás?

Ele – Bem, embora... minha esposa convidou novamente os vizinhos para jantar.

Ela – E daí?

Ele – Não é que não sejam simpáticos, mas... também são um pouco irritantes.

Ela – Por que os convidaste?

Ele – Acabamos de nos mudar para o bairro. Foram simpáticos ao nos convidar para a casa deles para nos conhecermos. Então sentimos a obrigação de retribuir o convite. Temo que isso se torne um hábito, percebes?

Ela – Compreendo perfeitamente.

Ele – Agora que a bola está rolando...

Ela – Talvez tenha uma solução.

Ele – Uma solução.

Ela – Para garantir que nunca mais voltem a comer na tua casa.

Ele – Como seria isso?

Ela – Aconteceu-me a mesma coisa há alguns anos, quando comprei a casa.

Ele – E então?

Ela – Os vizinhos nos convidaram. Professores, sabes? Esquerdistas, obviamente. Ecologistas, com tendência vegetariana, mas que de vez em quando comem carne se for orgânica.

Ele – Compreendo perfeitamente. Simpáticos, mas totalmente avassaladores. E como te livraste deles?

Ela – Quando retribuímos o convite, servi-lhes um prato um tanto especial.

Ele – Especial.

Ela – Um coração.

Ele – Um coração? Como assim um coração?

Ela – Um coração de boi. Direto. Apenas com uma salada.

Ele – Um coração de boi? Nem sabia que se comia isso... Onde conseguiste?

Ela – Na talho da esquina.

Ele – Não sabia que vendiam.

Ela – Ah não, mas não me venderam. Deram-me.

Ele – Sério? E eles comeram?

Ela – São pessoas educadas, percebes? Disse-te, professores, sabes? Então, tolerância, respeito pela diferença, não se atreveram a dizer nada, imaginas. Do tipo "respeito as tradições de cada um, mesmo que sejam diferentes das minhas, e faço um esforço para partilhar algo com eles, mesmo que não seja exatamente o que eu valorizo". Taparam o nariz e comeram tudo.

Ele – E depois?

Ela – Nunca mais os vimos.

Ele – Nunca mais?

Ela – Encontramo-nos ocasionalmente, claro, somos vizinhos. Mas nunca mais se atreveram a convidar-nos, com medo de que retribuíssemos o convite e lhes servíssemos algo ainda pior do que da última vez... Traumatizámo-los completamente, digo-te.

Ele – É incrível...

Ela – Ah, devias ter visto as caras deles quando pus aquilo na mesa... Devia ter tirado uma foto. Aliás, acho que o fiz...

Ele – Maldição... Mas então, também tiveste de comer isso.

Ela – Tem de se saber o que se quer, amigo. É apenas um momento ruim passageiro. Mas depois, estás tranquilo o resto da tua vida.

Ele – Está bem... Sim, não tenho a certeza... Vou falar com a minha esposa...

Ela – Sobretudo não, desgraçado!

Ele – Porquê?

Ela – Claro que ela não concordaria!

Ele – Sim... Provavelmente.

Ela – Não, faz-lhe a surpresa. Dizes-lhe "Esta noite, querida, sou eu que cozinho".

Ele – Ah sim, isso certamente a surpreenderá...

Ela levanta-se.

Ela – Bem, tenho de te deixar.

Ele – Está bem.

Ela – Contas-me como foi o teu jantar, certo?

Ele – Espera, ainda nem me serviram o meu sumo de tomate...

Ela – Verás, sempre resulta. Se não quiseres convidá-los novamente para jantar sem brigar com eles, é a única solução, garanto-te... Há uma talho mesmo em frente.

Ele – Obrigado pelo conselho! Tens razão, vou fazer isso...

Ela – Quando se pode ajudar...

Ela sai.

5. Presente do coração

O dono espera atrás do balcão, ocioso. Chega um homem e uma mulher.

Ela – Olá, Manolo.

O dono responde com um aceno de cabeça. Eles se sentam à mesa. O dono se aproxima para anotar o pedido.

Dono – O que posso servir para vocês?

Ela – O de sempre.

Dono – E você?

Ele – O mesmo.

Dono – O mesmo que a senhora ou o mesmo de sempre?

Ele – Desculpe.

Dono – Eu não sei o que você pede sempre!

Ele – No entanto, venho todas as manhãs, assim como ela.

Dono – É verdade. Há rostos que lembro e outros que prefiro esquecer...

Ele – Digamos o mesmo que ela, então.

Dono – E dois cafés...

O dono se afasta.

Ele – Sempre tão amável...

Ela – É preciso saber como lidar com ele.

Ele – Que idiota.

Ela – Sabes como se chama esse idiota?

Ele – Não.

Ela – Manolo.

Ele – Parecem muito íntimos, tu e esse... Manolo.

Ela – Venho todos os dias tomar um café antes de ir para o trabalho...

Ele – Eu também... Mas ele finge que não me conhece.

Ela – Estás com ciúmes?

Ele – Talvez ele seja o ciumento... Conheces tão bem assim?

Ela – Nunca falámos realmente.

Ele – Como sabes que se chama Manolo?

Ela – Não sei... Todo o mundo sabe... De qualquer forma, toda a gente o chama de Manolo e ele nunca reclamou.

Um momento.

Ele – Estás bem?

Ela – Sim.

Ele – O que gostarias de fazer?

Ela – Não sei...

Ele – Está bom tempo... Não vamos ficar trancados numa sala de cinema. Que tal darmos um passeio?

Ela – Como queiras.

Ele – Esconde o teu entusiasmo... Há algo a te preocupar?

Ela – Não... Não especialmente.

Ele – Não sei... Alguma coisa que queiras falar comigo.

Um momento.

Ela – Está bem... Se um dia me acontecer alguma coisa, quero doar os meus órgãos.

Ele fica desconcertado por um momento.

Ele – Para quem?

Ela – Não sei! Para alguém que precise.

Ele – Precise...?

Ela – Estás a fazer de propósito ou quê? Um transplante!

Ele – Ah, sim... Está bem...

Ela – Tenho o meu cartão de doador comigo, mas só por precaução...

Ele – Está bem.

Ela – Preciso contar a alguém. Porque quando já não se pode falar...

Ele – Está bem.

Ela – E se estiver em estado de morte cerebral, não quero que me mantenham artificialmente viva.

Ele – Sem problema... Mas sabes, ainda não estamos casados. Nem tenho a certeza se eu teria voz e voto. Provavelmente seria uma decisão dos teus pais.

Ela – Estão mortos.

Ele – Ah sim, é verdade... Para os teus irmãos e irmãs, então.

Ela – Estou zangada com toda a minha família.

Ele – Bem... Então só nos resta casar. Assim posso dispor de todos os teus órgãos eu mesmo.

Ela – É uma proposta de casamento? Porque seria, sem dúvida, a mais original de toda a história das propostas de casamento.

Ele – Queres casar comigo?

Ela – Sim... (*Um momento*) E tu?

Ele – Pois é, já que acabei de pedir a tua mão... Bem, tua mão, teu coração, teus pulmões, teu fígado e tudo o mais...

Ela – Não, eu quero dizer, e tu, se te acontecesse algo? Agora que vou poder dispor de todos os teus órgãos também.

Ele – Ah sim... Aqui estamos, imersos no pleno romantismo...

Ela – Então...

Ele – Não sei... Não pensei realmente nisso... Eu nem sequer doo sangue... exceto para alguns mosquitos.

Ela – Bem... E agora?

Ele – Se ao morrer eu pudesse deixar-te o meu coração para salvar-te a vida, provavelmente faria. Mas dar o meu coração a um desconhecido... É verdade, sempre podes encontrar um idiota. Os idiotas também têm problemas cardíacos. Menos do que os outros, concordo, mas têm...

O dono se aproxima.

Dono – E dois cafés... (*Dirigindo-se ao homem*) Posso cobrar agora mesmo?

O homem tira algumas moedas e coloca-as sobre a mesa. O dono as apanha e vai embora sem dizer uma palavra.

Ele – Imagina que morro e esse imbecil precisa de um transplante. Francamente, ficaria muito chateado em dar-lhe o meu coração.

Ela – É um risco que temos de correr.

Ele – Bem... Se isso te faz feliz, também vou pegar na minha carta...

Ela – Sim, faz-me feliz. E agora, estou com vontade de dar um passeio pela floresta contigo.

Ele – Pela floresta?

Ela levanta-se.

Ela – Vamos?

Ele – Posso tomar o meu café primeiro?

Ela – Está bem, mas despacha-te.

Ele prepara-se para tomar o seu café.

6. Dor no coração

O dono está atrás do balcão. O homem (ou a mulher) chega distraído/a.

Dono – O que posso lhe servir?

A outra pessoa – Não sei... O que quiser...

Dono – O que eu quiser? Tem certeza?

A outra pessoa – No estado em que estou... Que risco corro? Surpreenda-me...

Dono – Então, vou servir-lhe um Licor das Carmelitas Descalças. Tem o rosto pálido, vai fazer-lhe bem.

Prepara a bebida.

A outra pessoa – Um Licor das Carmelitas Descalças? Nem sabia que isso existia.

Dono – Confesso que não vendo isso com muita frequência... e não tenho intenção de pedir mais.

A outra pessoa – Supondo que ainda haja Carmelitas Descalças para fabricá-lo. Não terá ultrapassado a data de validade, certo?

Dono – Disse-me "o que quiser", é preciso decidir-se! Então, vai tomar ou não?

A outra pessoa – Se puder ajudar a liquidar o seu inventário...

O dono serve-lhe o licor.

Dono – Não parece estar muito bem...

A outra pessoa – Não... Estou à procura de um coração disponível.

Dono – Todos estamos nisso, sabe? A partir de certa idade... há mais procura do que oferta.

A outra pessoa – Não sabe o quão certo está.

Dono – É viúvo?

A outra pessoa – Em breve a minha esposa será viúva... se não encontrar rapidamente alguém que me doe o seu coração.

Dono – Não tenho a certeza de estar a entender...

A outra pessoa – Acabei de sair do hospital. Estou à espera de um transplante. Por enquanto, não há doador.

Dono – Um doador? Ah sim...

A outra pessoa – Claro, não se doa o coração como se doa sangue. O doador tem de estar morto e todas as condições devem ser cumpridas.

Dono – Entendo...

A outra pessoa – Que o doador seja jovem, portanto, mais provavelmente morto num acidente. Que o coração esteja em bom estado. Que a família esteja de acordo.

Prepara-se para beber.

Dono – Tem a certeza de que quer beber isso?

A outra pessoa – É preciso morrer de alguma coisa...

Experimenta o licor e faz uma careta.

Dono – E então?

A outra pessoa – Sim, é melhor ter um coração forte... Você nunca experimentou?

Dono – Estava à espera de ver o efeito que tinha num cobaia.

A outra pessoa – Se eu ainda estiver vivo amanhã de manhã, venho contar-lhe.

Dono – Se soubesse, ter-lhe-ia servido outra coisa. Deveria ter-me dito, agora vou ficar preocupado.

A outra pessoa – Pergunto-me se não seria mais fácil assim. Já vejo a minha foto na secção de notícias: desesperado por não encontrar um coração compatível com o seu, põe fim à sua vida ao ingerir um Licor das Carmelitas Descalças caducado desde... (*Olhando para o rótulo da garrafa vazia*) 1984!

Dono – Uau, isso é muito tempo... Embora, tenha de reconhecer que estamos perante uma excelente safra... Vá, não perca a esperança. Um acidente pode acontecer rapidamente.

A outra pessoa – Um acidente?

Dono – Para o seu doador! A rua em frente é muito perigosa. Com todos esses camiões. Há um projeto de rotunda, mas... Quase todos os meses alguém é atropelado na passadeira. E como o hospital fica mesmo em frente...

A outra pessoa – Obrigado... Animou-me um pouco conversar consigo.

Dono – Assim é a vida... A roda gira... A desgraça de uns...

A outra pessoa – Acho que no final não vou acabar isto. Quanto lhe devo?

Dono – É por minha conta. Quer mais alguma coisa? Para tirar o sabor do licor...

A outra pessoa – Obrigado, está bem.

Dono – Bom, até à próxima...

A outra pessoa – Quem sabe?

Levanta-se para sair.

Dono – Tenha cuidado ao atravessar a rua.

Sai. O dono pega na chávena e cheira o aroma que dela emana. Franze o nariz com expressão de desagrado.

Dono – Ah sim, definitivamente...

Ouve-se o som de travagens seguido por um estrondo de chapas amolgadas. Levanta a cabeça e olha para a quarta parede, representando a janela do café que dá para a rua.

Dono – Ah sim, definitivamente...

7. Batimento do coração

O dono está a limpar copos atrás do balcão. Um casal chega e senta-se. Silêncio. O dono aproxima-se.

Dono – O que posso pegar para vocês?

Ela – Nada por agora. Estamos à espera do terceiro...

Dono – Bem...

O homem mostra surpresa. O dono retira-se.

Ele – Não sabia que estávamos à espera de alguém...

Ela – Eu também não.

Ele – Como? Quem é?

Ela – Não sei... Ainda não tem nome...

Ele – Estás a gozar comigo?

Um momento de silêncio.

Ela – O que dirias se te dissesse que estou grávida?

Ele demora a assimilar a pergunta.

Ele – Estás grávida?

Ela – Não disse isso...

Ele – Então é uma suposição.

Ela – Se tu o dizes...

Ele – Não tens a certeza?

Ela – Queres um teste?

Ele – Que teste?

Ela – Não sei... Um teste de gravidez?

Ele – Não devias brincar com isso.

Ela – Não estou a brincar. Só queria falar sobre isso. E então?

Ele – Um filho... sempre começa a ser conjugado no condicional, não é?

Ela – Só depende de nós transformar esse condicional em indicativo.

Ele – Enquanto não o conjugares no imperativo...

Ela – Não me respondeste...

Ele – O quê?

Ela – O que dirias se te dissesse que estou grávida?

Ele – Não sei, diria... fantástico!

Ela – Fantástico?

Ele – Fantástico... Mas estamos de acordo, não estás grávida...

O dono volta.

Dono – Continuamos à espera do terceiro?

Ela coloca a mão sobre o seu ventre.

Ela – Já está aqui... Podemos fazer os nossos pedidos...

O homem olha para ela surpreso.

Dono – Fantástico.

8. Um coração para dois

O Dono do bar lê o jornal atrás do balcão. Dois homens chegam e sentam-se à mesa.

Um – Café? (*O outro assente.*) Manolo! Dois cafés.

Dois – O nome dele é Manolo?

Um – Não sei... chamo todos os donos de bares de Manolo. Dessa forma, garanto que não me engano.

Dois – De acordo...

Um – Ele é um dos meus pacientes. Removi seu apêndice há dez anos, suas hemorróidas há cinco anos, sua tireoide há três anos e um pulmão no ano passado.

Dois – Uau... Deves ser bem apreciado por ele. Graças a ti, ele perdeu cerca de três quilos.

O Dono do bar traz os cafés.

Dono do bar – Aqui está, doutor...

Dois – Pelo menos, reconheceu-te.

Um – Eu nem tenho certeza. Ele chama todos os seus clientes de "doutor". Já que estamos na frente do hospital... Na pior das hipóteses, se não forem médicos, ele os bajula (*Eles mexem o café em silêncio antes de bebê-lo.*) Então, temos um doador?

Dois – Parece que sim...

Um – Uma mulher que se jogou sob as rodas de um caminhão, bem na frente do hospital.

Dois – Um suicídio?

Um – Não se sabe ao certo... Talvez tenha sido um acidente... Sua cabeça levou tudo embora. Morte cerebral. O resto está em perfeitas condições. Estamos aguardando a decisão da família.

Dois – Muito bem.

Um – Sim, excepto que temos dois pacientes à espera de um transplante...

Dois – Ah, tu também?

Um – Sabes disso muito bem.

Dois – Pensei que para ti era um fígado.....

Um – É um coração.

Dois – Um coração por dois... Com dois pacientes que têm registros muito parecidos. Não será fácil decidir.

Um – Então o que fazemos? Jogamos cara ou coroa?

Dois – Eu aceito o desafio!

O outro tira uma moeda.

Um – Apenas um dos nossos dois pacientes estará vivo dentro de um mês. Cara é sua, coroa é minha.

Ele joga a moeda, pega-a e olha na palma da mão antes de guardá-la.

Dois – Mas sabemos que não é assim que funciona...

Um – Não. *(Pausa)* Há quanto tempo nos conhecemos?

Dois – Desde a universidade...

Um – Acho que desde o segundo ano.

Dois – Sim...

Um – Estávamos apaixonados pela mesma garota.

Dois – Uma estudante do primeiro ano.

Um – Quem se tornou tua esposa.

Dois – Não sei o que ela pôde ter visto em mim... mais do que em ti.

Um – Corria o boato na universidade de que eu tinha um micropénis. Até acho que circulaste uma montagem de fotos...

Dois – Ah, sim, é verdade. Esqueci-me disso.

Um – Eu descobri muito mais tarde.

Dois – Não pensei que ela engolisse algo tão grande.

Um – Sempre falamos sobre meu micropénis?

Dois – Realmente achas que foi por isso que ela me escolheu?

Um – Deve ter influenciado... Estava realmente apaixonado por ela, sabes?

Dois – Um coração para dois... Um dos dois sempre fica de fora.

Um – Dessa vez fui eu.

Dois – Ela me deixou alguns anos depois. Nunca mais a viste?

Um – Sim... Uma vez... eu também tinha acabado de me divorciar... Jantamos juntos... E depois nada...

Dois – Mas ela sabia sobre...?

Um – Não sei... Não tive coragem de lhe perguntar... Imagine, entre o café e a conta, sussurrar-lhe ao ouvido que, ao contrário do que dizia o ex dela, tenho um pénis de tamanho normal?

Dois – Sim...

Um – Acho que sobretudo já era tarde... Não sei se a vingança é um prato que se serve frio, mas o amor não é um prato que se serve reaquecido.

Dois – Então queres vingar-te?

Um – Não, mas me parece que me deves um coração.

Dois – Tens uma interpretação muito pessoal do juramento de Hipócrates... O que te motiva tanto para salvar a tua paciente?

Um – Digamos que estabeleci uma relação muito especial com ela.

Dois – Mas sabes que também não funciona assim.

Um – Ah não?

Dois – Estás me pedindo para condenar meu paciente antecipadamente?

Um – Disseste-o. Um coração para dois... Um dos dois sempre fica de fora

Dois – Não depende só de mim, sabes bem disso. É uma decisão colegiada.

Um – Mas poderias carregar um pouco o arquivo do teu paciente para fazer o meu parecer mais convincente.

Dois – E se eu recusar?

Um – Eu poderia espalhar um boato também. Mas não tenho certeza se este é falso.

Dois – Por exemplo?

Um – As enfermeiras não duram muito tempo no teu serviço, ambos sabemos porquê. E a rapariga que acabou de ser atropelada em frente ao hospital, voluntariamente ou não, trabalhava para ti.

Dois – Vou ver o que posso fazer...

Ele está prestes a conseguir uma multa.

Um – Deixa, o café é por minha conta.

9. O coração na mão.

O dono balança a cabeça sonolento atrás do balcão. Dois personagens (homens ou mulheres) chegam e sentam-se numa mesa.

Um – Também parece estar num coma profundo...

Dois – O que fazemos? Acordamo-lo?

Um – Vamos esperar que acorde por si só.

Dois – Um milagre é sempre possível.

Silêncio.

Um – E em relação a ela, o que fazemos?

Dois – Sinceramente... não sei o que pensar sobre isso.

Um – Teremos de tomar uma decisão. O médico disse que temos de agir rápido.

Dois – Sim.

Um – Claro, a lógica diria que devemos dizer que sim.

Dois – A lógica? É a nossa irmã, afinal de contas...

Um – Sim... Alguma vez a ouviste falar sobre este assunto na nossa presença?

Dois – Há anos que não nos vemos... e mesmo antes, não costumávamos ter esse tipo de conversas.

Um – Então cabe-nos decidir. Como se fosse para nós.

Dois – Queres dizer... como se precisássemos de um transplante?

Um – Como se estivéssemos no lugar dela! No lugar do falecido... O que farias? Se pudesses decidir doar os teus órgãos ou levá-los contigo para a sepultura...

Dois – Claro, em princípio... Se vamos morrer, se podemos salvar uma vida...

Um – Por outro lado...

Dois – Imaginar que lhe abríamos o peito e tiraríamos o coração para colocar no peito de outra pessoa...

Um – Alguém que nem sequer conhecemos.

Dois – Ainda bem... Não nos faltava mais conhecê-lo. Preferirias conhecê-lo?

Um – Preferia que ela não estivesse morta.

Um momento de silêncio.

Dois – Além disso, podemos realmente dizer que está morta?

Um – Segundo os médicos, está em estado de morte cerebral.

Dois – O que isso significa exatamente? Tu sabes?

Um – Basicamente, a casa ainda está de pé, o aquecimento ainda não foi desligado, mas não há ninguém lá dentro. O proprietário foi embora, jogou a chave fora e nunca mais voltará.

Dois – Entendi.

Um – Então, trata-se de recuperar a caldeira para instalá-la noutra casa onde a caldeira esteja avariada, para que o proprietário possa continuar a viver lá dentro sem passar frio.

Dois – Já terminaste com as tuas metáforas de canalizador?

Um – Vou explicar-te...

Dois – Então, tu estás a favor?

Um – Tu também, não? Sabias que eventualmente chegaríamos a isto.

Dois – Sim...

O outro tira um papel.

Um – Vamos, terminemos com isto... (*Oferece-lhe o papel*) Tens de assinar aqui.

Dois – Assina tu... Eu não vou conseguir fazer isso...

Um – Não, mas são precisas as nossas duas assinaturas.

Dois – Finge a minha então.

Um – Mas será uma falsificação...

Dois – De que tens medo? Que eu te processe por imitar a minha assinatura?

Um – Mas se concordas, porque não assinas?

Dois – Concordo, mas não vou conseguir assinar, é só isso. Podes entender isso, não? (*Levanta-se para sair*) Pela primeira vez que te peço alguma coisa!

Um – Mas vamos lá... tu odiavas-a.

Dois – Precisamente... Se fosse um gesto de amor, ainda... Seria mais fácil para mim. Mas assim... não me sinto capaz de decidir por ela. (*O dono emerge de trás do balcão.*) Olha, ele acordou... Nunca se está a salvo de um milagre!

A personagem sai, deixando a outra perplexa. O dono aproxima-se.

Dono – O que posso servir-vos?

10. De bom coração

O Dono do bar espera atrás do balcão. Um homem com cara de mafioso chega e se senta no bar.

Dono do bar – O que deseja?

O outro – Um descafeinado. Longo. Com uma gota de leite, por favor.

O Dono do bar dá uma olhada no cliente, cuja aparência não combina com o pedido.

Dono do bar – Vou ver o que posso fazer...

Prepare seu café.

O outro – Esta rua é perigosa. Quase fui atropelado por um ônibus.

Dono do bar – Sim... Ontem uma mulher foi atropelada...

O outro – É sério?

Dono do bar – Ele morreu... Bem, é quase a mesma coisa.

O outro – Você a conheceu?

Dono do bar – Era uma cliente... Tinha acabado de sair daqui e, segundo os exames, tinha três gramas de álcool no sangue.

O outro – Tanto no seu trabalho quanto no meu, é melhor não se apegar muito aos clientes.

Dono do bar – Novo no bairro?

O outro – Estou de passagem.

Dono do bar – Estamos todos de passagem pela Terra...

O outro – Receio que o meu termine mais cedo do que o esperado.

Dono do bar – Se você tiver cuidado ao atravessar a rua...

O outro – Acabei de sair do hospital. Estou esperando um transplante de coração...

Dono do bar – Ah, você também...

O outro – Desculpe?

Dono do bar – Nada, apenas uma história que ouvi... Espero que você tenha encontrado o cirurgião certo...

O Dono do bar coloca o café no balcão.

Dono do bar – Aqui está, seu descafeinado.

O outro – Como vão os negócios?

Dono do bar – Está tranquilo. E você?

O outro – Eu também... Está bem quieto agora...

Dono do bar – Em que área você está?

O outro – Tráfico de drogas. Heroína, mais especificamente.

Dono do bar – Ah, entendo... Então você sabe o que é perder um cliente.

O outro – Felizmente, as doações de órgãos são anônimas, porque não sei quem estaria disposto a doar o coração a um traficante.

Dono do bar – Ou um dono de tabacaria.

O outro – É certo. No final, nós dois fazemos um pouco do mesmo trabalho...

Dono do bar – Hum...

O outro – Um doador acaba de ser internado no hospital.

Dono do bar – Então é seu dia de sorte.

O outro – Não sei... Tem outra pessoa interessada no assunto.

Dono do bar – Ah...

O outro – Você me daria seu coração? Se eu estivesse morto, quero dizer... E sabendo o que estou fazendo.

Dono do bar – Porque não? Entre traficantes, se não nos ajudarmos um pouco.

O outro – Prometi ao meu cirurgião uma mala cheia de contas se ele encontrasse um novo coração para mim. Notas usadas e em pequenos cortes. Você acha que isso pode ajudar?

Dono do bar – Depende do cirurgião, suponho.

O outro – Este tem a reputação de saltar sobre qualquer coisa que se mova.

Dono do bar – Entendo... Posso servir-lhe outro descafeinado? Eu o convido.

O outro – Vamos lá... Você só vive uma vez...

Dono do bar – E se seu coração falhar na saída, não será porque você bebeu aqui.

11. Um novo coração

O dono está atrás do balcão, o cliente chega.

Dono do bar – Senhor, o que posso fazer por você?

O outro – Não me reconhece?

Dono do bar – Vejo tanta gente... O que devo colocar?

O outro – Não é um Licor dos Carmelitas Descalços, isso é certo...

Dono do bar – A sério...? Eu não o reconheci. Uau... Parece que aquela bebida fez bem a você, afinal. Parece vinte anos mais novo.

O outro – Sim... a bebida. E também o coração novinho que foi transplantado para mim há alguns meses.

Dono do bar – Você finalmente encontrou um doador?

O outro – Eu estava certo, essa rua é muito perigosa...

Dono do bar – Vamos, vou o convidar. O que posso lhe servir?

O outro – Um refrigerante de limão...

Dono do bar – Já não pode tomar álcool...

O outro – Sim... mas decidi renunciar. É um sacrifício que me imponho... para agradecer ao destino.

Dono do bar – Ao destino?

O outro – Alguém morreu para que eu pudesse viver. Devo cuidar do coração dele.

Dono do bar – Mas você nem sequer sabe quem é o seu doador...

O outro – Não... e não tenho certeza se quero saber. Mas, afinal, ele poderia ter sido muçulmano. Mais uma razão para parar de beber álcool.

Dono do bar – Então você também não come mais presunto?

O outro – Me tornei vegano, é ainda mais fácil. E você, como está?

Dono do bar – Minha esposa acabou de me deixar.

O outro – Morreu? Não me diga que é o seu coração que bate no meu peito...

Dono do bar – Eu preferiria isso. Me custaria menos. Viúvo, você é duas vezes mais rico. Divorciado, você é duas vezes mais pobre.

O outro – Essas são quatro boas razões para preferir a viuvez...

Dono do bar – Terei que vender o café para dar a parte dela.

O outro – Sinto muito...

Dono do bar – Em última análise, é melhor assim. Vender álcool e tabaco... O tabaco já me custou um pulmão.

O outro – Então o que você vai fazer?

Dono do bar – Não sei...

O outro – Você deveria se dedicar ao teatro.

Dono do bar – Ao teatro?

O outro – Alguém já lhe disse que tem cara de ator de teatro?

Dono do bar – Não... Mas para ficar o dia todo atrás de um balcão e atender todo tipo de cliente já é preciso ser um pouco ator...

O outro – É verdade... eu mesmo vou frequentemente ao café para escrever.

Dono do bar – O que você escreve?

O outro – Peças de teatro.

Dono do bar – Eu ouvi tantas histórias. Haveria muito material. Comédias, dramas, tragédias...

O outro – Você terá que me contar.

Um momento de silêncio.

Dono do bar – Ainda há algo preocupando você?

O outro – Éramos dois esperando por um transplante. Havia apenas um doador disponível. Eu descobri que o outro morreu poucos dias depois da minha operação...

Dono do bar – Ah sim...

O outro – Parece que tive um histórico melhor.

Dono do bar – Como você disse... É o destino.

O outro – Sim... Talvez ele fosse um cara legal.

Dono do bar – Ou talvez um canalha... Quem sabe...

O outro se levanta para sair.

O outro – Obrigado pela limonada... Tome, aqui está o meu cartão. Estou à procura de alguém como você para um pequeno papel na minha próxima peça. Um dono de bar. Serão seus primeiros passos no palco...

Isso vai. O Dono do bar olha para o cartão.

12. Corações em coro

O Dono está atrás do bar. Ela chega. É a mesma mulher da primeira cena.

Dono do bar – Voltou para me pedir em casamento?

Ela – Ainda não se passaram dez anos...

Dono do bar – Cinco.

Ela – E você ainda se lembra de mim?

Dono do bar – Já lhe disse, tenho boa memória... O rosto dela não se esquece facilmente. Ainda não bebe conhaque?

Ela – Já não vou precisar. Ou pelo menos, assim espero...

Dono do bar – Me alegro.

Ela – Lembra-se? Leu meu horóscopo para mim...

Dono do bar – "Você dará seu coração a um estranho." (*Mostre o jornal*) Ainda está no jornal de hoje.

Ela – Eles sempre repetem as mesmas frases.

Dono do bar – Desta vez está na seção de amor.

Ela – Não erraram. Tenho um encontro com ele.

Dono do bar – Aqui?

Ela – Em cinco minutos.

Um momento.

Dono do bar – Você conheceu um estranho em um site de encontros?

Ela – É o meu ex-marido. Divorciámo-nos há alguns anos.

Dono do bar – Ah sim... Então, não é completamente um desconhecido...

Ela – Moramos juntos por dez anos. Eu senti como se estivesse morando com um estranho. Mas eu era a que não me conhecia. Quem não estava bem era eu.

Dono do bar – Porque agora?

Ela – Há um ano ele passou por um transplante de coração.

Dono do bar – Então, você pensou que com um coração completamente novo...

Ela – Quando soube que estava doente, não me disse nada. Já não íamos bem entre nós. Não queria que ficasse com ele por pena, suponho.

Dono do bar – E você o deixou...

Ela – Contou-me que tinha conhecido outra mulher...

Dono do bar – Mas não era verdade...

Ela – Tinha 50% de hipóteses de não sobreviver. Não queria tornar-me numa viúva inconsolável...

Dono do bar – Preferiu torná-la numa divorciada feliz... E, portanto, sobreviveu...

Ela – Trabalho no hospital... Apercebi-me por acaso que ele tinha feito um transplante. Fui eu quem o chamou... Perguntei-lhe se queria voltar a ver-nos.

Dono – Com a esperança de que o seu coração completamente novo voltasse a bater por você...

Ela – Acha que não se pode amar duas vezes a mesma pessoa?

Dono – De qualquer forma, pode casar duas vezes com o mesmo homem, e pode divorciar-se duas vezes da mesma mulher.

Ela – Já não é exatamente o mesmo homem.

Dono – Quem quer que tenha sido o dono deste coração anteriormente, talvez já estivesse muito infeliz no amor.

Ela – No final, até é mais pessimista do que eu.

Dono – Estou com ciúmes, é só isso. Já lhe disse, é daquelas pessoas que não se esquecem...

Ela – Espero que ele também não me tenha esquecido... (*À beira das lágrimas*) E que me tenha perdoado...

Ele coloca a mão sobre a dela para confortá-la.

Ele – Confie em si mesma.

Ela vira o olhar para a janela do café, para o lado público.

Ela – Lá está ele... Meu coração está batendo...

Dono – Tão forte como quando o conheceu?

Ela – Muito mais forte...

Dono – Esperemos que o dele não falhe agora, seria muito tolo...

Ela – No final, tomaria aquele conhaque.

Ele serve-lhe um copo, que ela bebe de um gole.

Dono – Tudo correrá bem.

Ela – Obrigada.

Ela aperta a mão dele pela última vez e afasta-se em direção ao público para encontrar-se com o ex-marido.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-076-6

Documento para download gratuito